

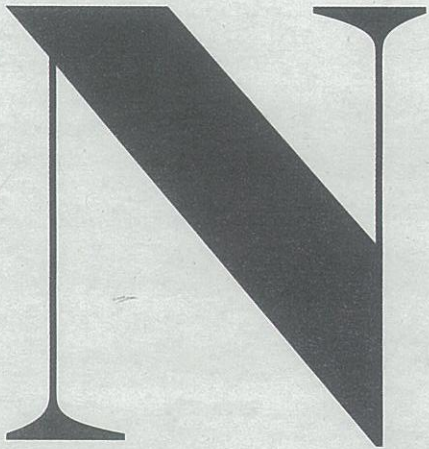
E Entrevista
Isabelle Huppert

Uma personagem é uma travessia por estados de alma”

Aos 66 anos, já ninguém se confronta com ela. É considerada a maior atriz francesa e sabe como representar esse papel. Extraordinária em cima do palco, traz a Lisboa a história de Mary Stuart, rainha da Escócia. O Expresso falou com ela a seguir a uma noite de sonho



POR **ALEXANDRA CARITA** EM PARIS



os dias 12 e 13 de julho, Isabelle Huppert vai estar em Lisboa para dois espetáculos no grande auditório do Centro Cultural de Belém. Traz consigo “Mary Said What She Said”, um monólogo com encenação de Robert Wilson e que chega no âmbito do Festival de Almada. Em antecipação, o Expresso viu o espetáculo em Paris, no Théâtre de la Ville, de Emmanuel Demarcy-Mota, numa noite quente de um verão inesperado. A atriz teve um momento de ouro, brilhou e encantou, contando a história de Mary Stuart, rainha da Escócia, que viveu o exílio e acabou morta por ordem da irmã, a rainha Elizabeth. Minimal, a peça desvenda uma capacidade incomum de representar. Irreal, Huppert dá vida a uma hora e meia de pura degustação teatral, onde tudo se conjuga no sentido da perfeição: argumento, encenação, representação, iluminação, maquilhagem e guarda-roupa. O encontro, porém, estava marcado para o dia seguinte ao meio-dia, no hotel onde habitualmente pede aos jornalistas que a esperem antes de qualquer entrevista. Hotel de L'Abbey, mesmo ao lado da Igreja de Saint-Sulpice, no centro do 6º bairro, onde vive também com o marido de uma vida e onde criou os seus três filhos. Chegou de cara limpa, cabelo apanhado, uma *T-shirt*, calças de ganga e umas sabrinhas nos pés. Vinha atrasada 15 minutos. *Blasée*, deixou-se escorregar pelo sofá de uma salinha reservada e foi respondendo às questões entre toques de telemóvel, carregadores e a necessidade de sair em pouco tempo. Acabou por se abandonar às respostas.

Fui ontem à noite ver “Mary Said What She Said”. No final, veio agradecer ao público umas sete ou oito vezes. Conteí-as. A sensação que tive foi a de que as pessoas que ali estavam não foram ao teatro ver a rainha da Escócia, foram ao teatro ver a rainha Huppert. O que acha?

É verdade que no fim do espetáculo há um grande calor do público. É muito agradável. Mesmo assim, acho que as pessoas aprendem qualquer

coisa sobre a vida de Mary Stuart. E isso dá-me muito prazer. Pelo menos, é isso que me dizem. Há qualquer coisa que sobressai da beleza e da aventura extraordinária que foi toda a sua vida. Uma aventura incrível que acaba por ser trágica. Acho que as pessoas me vão ver, mas saem contentes por aprender. É uma história muito bonita.

Sente que tem um estatuto à parte?

Não, o que sinto é que este espetáculo tem um estatuto à parte. Eu não sei se tenho. Segundo aquilo que me dizem e segundo o que oiço, penso que é o espetáculo que provoca emoções muito fortes. No público, há muita gente que, *a priori*, admira muito o trabalho de Bob Wilson e que aqui encontra algo completamente encarnado, muito vivo, e tudo isso resulta de um trabalho que só o Bob Wilson consegue pôr em cena. A contenção do gesto e a contenção do movimento são muito importantes... Quer dizer, para mim nem se trata propriamente de contenção, é quase o contrário, é, sim, algo de muito formal.

Muito rígido?

Não considero rígido. É, sim, formal, como estava a dizer. Ele é um formalista, um homem da plasticidade, um artista plástico. No entanto, no interior de tudo isso, há muita vida. Para mim, há, sobretudo, a possibilidade de me desdobrar em expressões... A peça percorre o caminho completo da vida de Mary Stuart, da sua infância à sua morte.

Já conhecia a história dela?

Sim. Já tinha feito a Mary Stuart no Teatro Nacional, em Londres. Há muito tempo. E dessa vez foi a peça de Schiller que apresentei. A peça de Schiller, como sabe, ou não sabe, não sei, imagina o reencontro entre Mary e Elizabeth, que nunca teve lugar. Nesta versão de Darryl Pinckney, digo claramente que Elizabeth nunca mais quis ver a irmã.

Tem medo da loucura? Durante o espetáculo vemos uma rainha que já está quase louca...

Sim. Porém, para mim não é uma loucura completa. O que o espetáculo transmite é uma forma de selvajaria, de exuberância, também, de alegria, sim. Talvez a peça ultrapasse mesmo o contexto da vida de Mary Stuart, a peça leva-nos a visitar todas as vidas através dos momentos de felicidade de que ela fala, dos momentos de alegria, mas também dos episódios de desespero e de violência. Há a impressão, talvez, de que o que o espetáculo percorre são todas as nossas vidas também. Bom, nós não temos a cabeça a prêmio, não terminamos como ela, felizmente. Mas em todas as vidas há esta panóplia, esta diversidade de sentimentos.

Quer dizer que não tem medo da loucura?

Um ator nunca pensa que está a representar a loucura. Representa sentimentos extremos, sentimentos... Não creio que Mary Stuart estivesse ou fosse louca, ou então, era a época que era

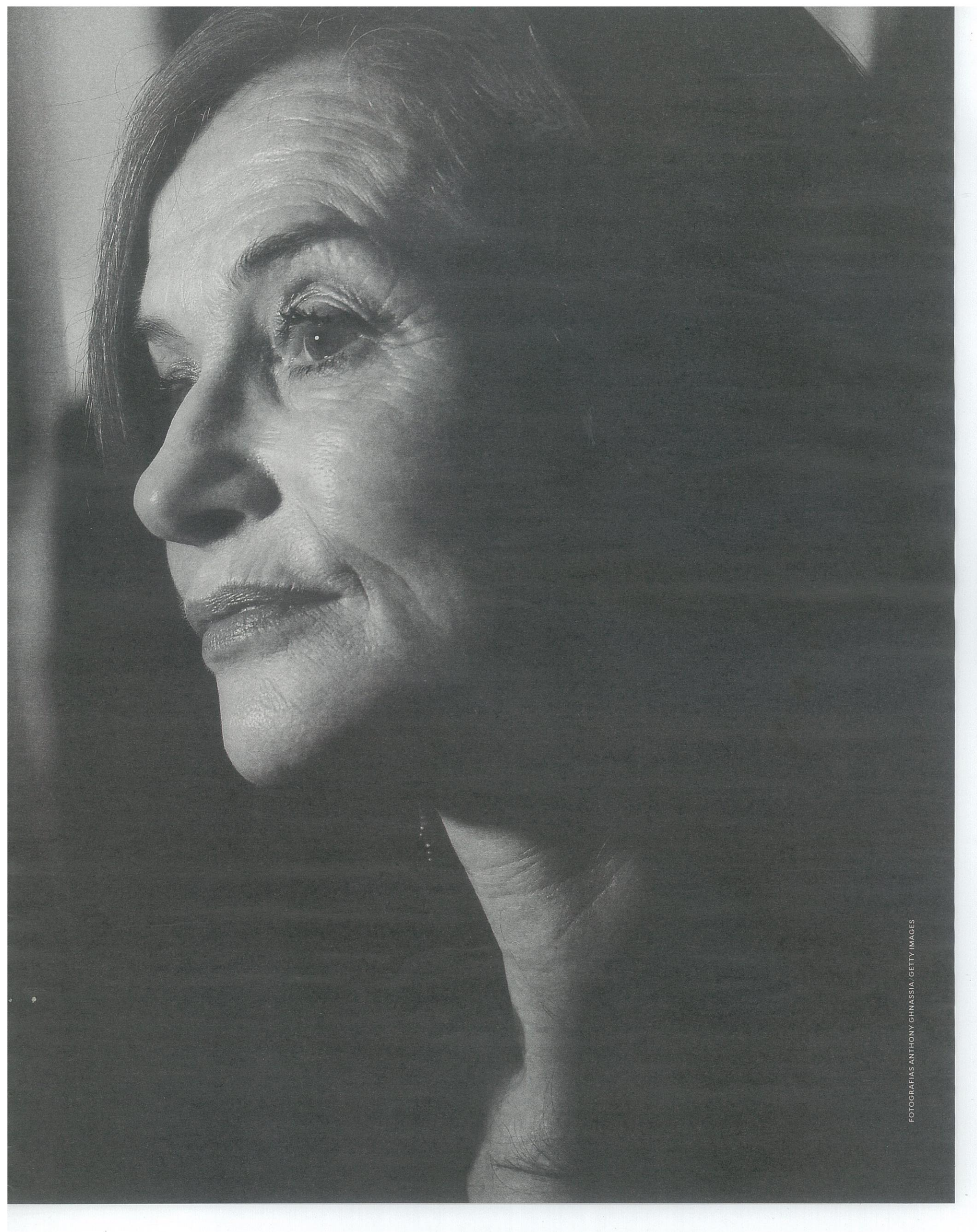
louca. Mas, no fundo, será que esse tempo era mais louco do que aquele que estamos a atravessar? Infelizmente, não acredito. A loucura é quando, de um momento para o outro, nos inclinamos ou tombamos sobre qualquer coisa de inominável, indizível e inqualificável. Ou nos debruçamos sobre uma violência que é o contrário da humanidade. Mas isso, acho, também era a época que propiciava essas coisas.

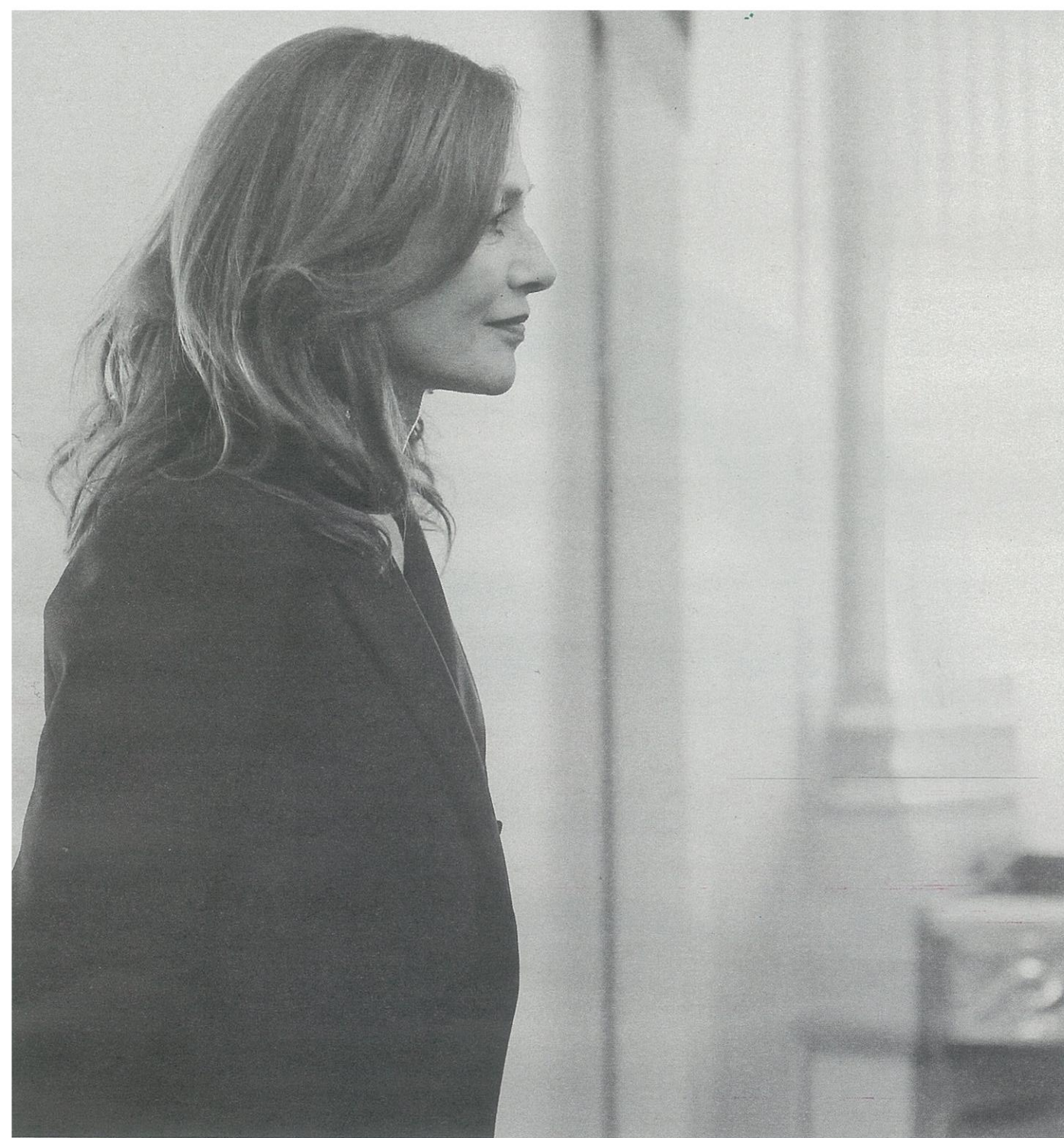
É a segunda vez que trabalha com Robert Wilson.

A terceira vez. Também fiz “Quartet”, de Heiner Müller, além de “Orlando”, baseado na obra homónima de Virginia Woolf, e, como aqui, com argumento de Darryl Pinckney.

É difícil trabalhar sob as suas indicações?

Não. Não para mim. Para mim é fácil. É ao contrário. Entro completamente na sua proposta de trabalho abstrato.





“

Não sou autora dos filmes que faço, mas consigo fazer com que cada filme seja quase um romance meu, no qual posso contar imensas coisas sobre mim mesma”

É fácil. É muito libertador. Descubro uma grande liberdade com Bob Wilson. Muito mais do que numa encenação mais tradicional ou mais convencional, que também não faço muitas vezes. Trabalhei sempre com pessoas muito particulares como Claude Régy, em França. Nunca fui confrontada com a convenção no teatro. Sinto que a convenção é mais rígida do que as propostas de trabalho de Bob Wilson.

Diz muitas vezes que representar é fácil, mas como se faz para representar um monólogo que exige tanto da capacidade intelectual e mesmo vocal?

Sim, pode parecer difícil. Porém, aprender um texto não traz nada de novo.

É uma técnica?

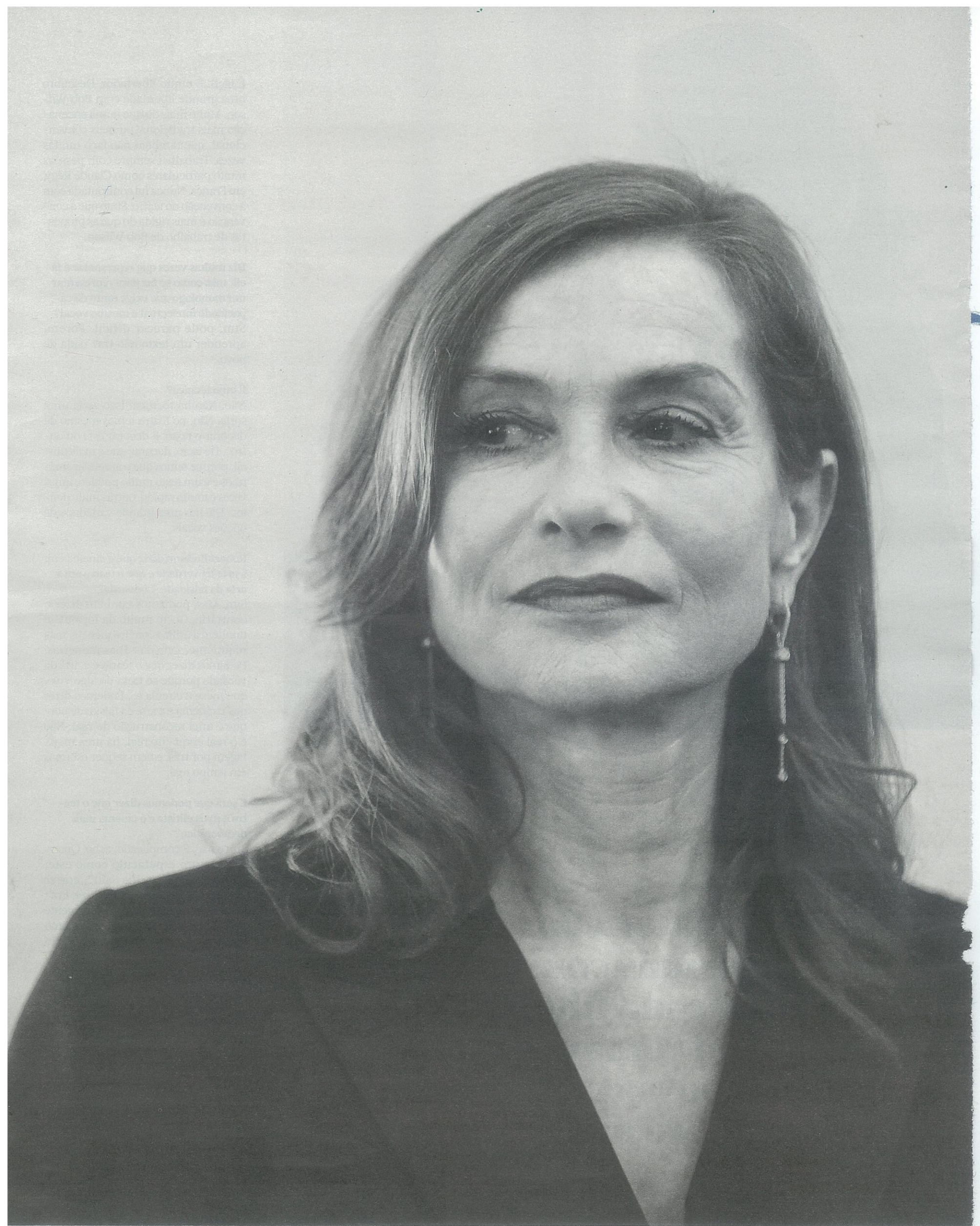
Não. Não há técnica. Isso seria uma sorte. Não, no teatro temos mesmo de decorar o texto. E decorar este ou outro... De facto, decorar este é mais difícil, porque temos que o aprender sozinho e é um texto muito poético, umas vezes é muito rápido, outras muito lento... Dá-nos uma grande variedade de opções vocais.

Robert Bresson dizia que o cinema era a arte da verdade e que o teatro era a arte da falsidade. Concorda?

Sim. Mas, podíamos também dizer o contrário. Gosto muito da fórmula e também a utilizo com frequência, mas realmente, vale das duas maneiras. Podemos dizer que o teatro é a arte da verdade porque se trata de algo vivo, que mexe e circula e... Podemos dizer que o cinema é a arte da falsidade porque é uma reconstrução do real. Não é o real enquanto real, há uma montagem por trás, e nem sequer estamos em tempo real.

E será que podemos dizer que o teatro é mais elitista e o cinema mais democrático?

Sim e não. É complicado, acho. Quando vejo um espetáculo como este, “Mary Said What She Said”, correr tão, tão bem, não sei o que dizer. Embora diga respeito a muito pouca gente se compararmos com o cinema e como um filme funciona no mercado. Não tem nada que ver. No teatro são 500 espectadores por noite... Talvez o teatro seja mais utópico do que elitista. Uma utopia que é uma grande recompensa para quem trabalha nela. Hoje em dia é mais difícil para o cinema impor qualquer coisa de verdadeiramente inovadora. É possível fazer-se, claro. O cinema talvez seja uma arte mais normal, e o teatro uma arte mais fantástica, não no sentido de fantasia, mas sim no sentido de inovação. É por isso que o teatro é formidável. Pode ser inovador,



propor fórmulas muito novas, e atrair também muita gente.

Claude Chabrol, Jean-Luc Godard, Werner Schroeder, Michael Haneke, a lista é longa. Faz um pacto de confiança com cada realizador e aceita completamente as orientações deles?

Eles não me dizem grande coisa. Mas sim, tudo se conjuga num pacto de confiança. É essencial. Impõe-se. Todas as relações entre um ator e o realizador passam por isso e são diferentes caso a caso, cada um tem as suas especificidades. Os filmes e os argumentos também são relevantes e diferenciados entre si e, obviamente, condicionam e definem essa relação de confiança. Podemos falar até ao infinito sobre essa relação, no entanto, no início, ela é isso mesmo, um pacto de confiança.

O que a faz dizer sim a um projeto?

Muitas coisas. Uma delas, sem dúvida, e talvez sobretudo, é o realizador. Então se é um realizador como... São muitas coisas, não consigo dizer. É o realizador, em primeiro lugar, mas às vezes também as aventuras que nos propõem, ou mesmo o argumento. É um conjunto de coisas. Não consigo ser precisa.

Sente-se também como uma atriz-autora?

Não. Autora não. Não sou autora dos filmes que faço, mas consigo fazer com que cada filme seja quase um romance meu, no qual posso contar imensas coisas sobre mim mesma. Não sei se a isso se chama autora.

Quando olhamos para si, pensamos que é insondável, mas consideramo-la muito popular ao mesmo tempo. Toda a gente a conhece e quer saber o que faz...

Talvez seja porque todas as atrizes são especiais, não sou só eu. Todas as atrizes têm uma maneira de ser, qualquer coisa que nos une a todas. No entanto, cada uma encontra a sua própria maneira de representar. Oiço atrizes que falam de uma maneira oposta à minha do meio cinematográfico, do esforço que isso representa. Cada uma cria a sua própria relação com o seu trabalho.

A sua é muito intensa?

Sim e não. Muito intensa porque é regular. Intensa não sei se é o que a caracteriza. É verdade que é intensa. Porém, não faço quase esforço nenhum para ser atriz. Custa-me, sim, escolher o que vou fazer, mas uma vez que o faço, ou que decido que o vou fazer sai com muita facilidade. É agradável. É por isso que represento!

Decidiu ser atriz muito nova?

Não foi uma coisa que tenha decidido. Isso não se decide, acontece. Consta-se, não é uma decisão. Também não se decide fazer uma coisa com esforço ou sem esforço, apesar de isso se notar bem.

Cada papel que faz no cinema ou no teatro traz-lhe um enriquecimento pessoal, como mulher, por exemplo?

Sim, tudo o que faço. Se não, não teria qualquer interesse. Representar dá-me, sobretudo, o prazer de o fazer. E isso já é enorme. Não me traz nada nem antes nem depois, traz-me esse prazer no momento em que o estou a fazer.

É o momento que lhe interessa, então?

Sim. De resto, é o momento que me interessa em tudo o que faço. É melhor que tenhamos prazer no momento em que fazemos as coisas, do que na lembrança que delas temos, ou ainda na antecipação do que vamos fazer. O que é importante é o presente.

Mas ser atriz é também viver a vida dos outros.

Não. Não acho que seja viver a vida dos outros. É viver a sua própria vida acima de tudo.

O que diz é que há sempre a mulher antes da atriz?

Talvez mais a pessoa antes da personagem.

E como faz para sair da personagem?

Paro. E ela desaparece.

Desaparece todas as noites?

Ah! Sim. Porém, depois, evidentemente que durante todo o dia está lá. A personagem, é verdade, ocupa muito tempo. Requer muita energia. Mas não

nos impede de viver e de fazer imensas coisas.

Prefere a espontaneidade no cinema e no teatro?

É uma mistura. Temos de ser espontâneos e diferentes todas as noites, não reproduzimos o idêntico ao que fizemos na véspera. No entanto, sobretudo no teatro, existe a repetição. A repetição com as suas variantes.

Não está lá também o pensamento e a reflexão?

Sim, com certeza, um pouco. No entanto, não me parece que o pensamento esteja muito presente. Não sei em que é que um ator pensa enquanto representa. Estamos um pouco ao lado de nós mesmos quando representamos. O que significa que pensamos sem pensar. É um estado especial.

Como se houvesse uma outra personagem?

Sim. Uma personagem é uma travessia por estados de alma. Não acho que represente uma personagem. Atravesso estados de espírito.

Quando representou a amante, a combatente, a mulher que tudo ousa, a mulher livre, a sobrevivente, a psicopata, que parte de si lá esteve?

A mesma e outra, forçosamente. Sou sempre eu. Não tenho o dom da ubiquidade.

Trata-se de uma aprendizagem?

Não. Não tenho impressão de aprender seja o que for. É uma experiência. Não é a mesma coisa.

Uma experiência do instinto?

A experiência de visitar o universo do realizador ou encenador.

É o realizador que lhe interessa, já percebe?

É o realizador, o seu mundo. O filme é sempre de alguém e não o meu. Um filme de Michael Haneke, um espetáculo de Bob Wilson...

Mas também é um espetáculo de Bob Wilson com.

Claro. Claro que o ator interpreta um mundo que não é o seu. Porém, através desse universo também exprime quem ele é.

Como olha para a sua carreira?

Não a vejo mais do que uma carreira longa. Olho para ela quando leio artigos. É verdade que filmei com muita gente muito interessante.

É verdade que propõe projetos que gostaria de fazer a alguns realizadores?

Sim, mas todas as atrizes fazem o mesmo, não sou só eu. Há momentos em que encontramos pessoas certas. É transformar o acaso em qualquer coisa de concreta. Isso acontece muitas vezes na vida das atrizes. Encontramos alguém e as coisas acontecem de tal forma que, de vez em quando, dão um filme.

O que é que a faz ir mais longe, avançar? Será a curiosidade, a descoberta?

Não acho que queiramos ir mais longe. Acho que queremos apenas ir, caminhar simplesmente, umas vezes mais longe, outras menos. Não quero ir forçosamente mais longe. Quero ir algures, quero ir a outro lado, isso é verdade, e algures às vezes é perto de casa. Esse é o interesse de continuar a trabalhar, ir a um lado outro.

Já sentiu que falhou?

As pessoas gostam cada vez mais de mim. E ter sucesso é melhor do que

“

É melhor que tenhamos prazer no momento em que fazemos as coisas, do que na lembrança que delas temos, ou ainda na antecipação do que vamos fazer”

o contrário. O sucesso é algo que não conseguimos prever de maneira nenhuma. É um dos objetivos, claro. De qualquer modo, não podemos ter como objetivo algo que não conhecemos. Não, não é um objetivo. Não sei o que é.

E ganhar um Óscar é um objetivo? Foi nomeada há dois anos para o Óscar de Melhor Atriz por "Ela", de Paul Verhoeven.

Não, mas é muito agradável. Foi o culminar de um percurso absolutamente extraordinário para o filme, um filme em francês, o que torna mais difícil chegar aonde cheguei sem ser num filme em língua inglesa. Um filme que esteve sempre no fio da navalha, mas que acabou por ter todos os votos, o que foi genial. Genial no sentido de ter sido inesperado. Não sabíamos que o filme poderia vir a ser tão bem recebido.

Acha que o Óscar é mesmo o maior prémio do cinema?

Cannes também é importante, tantos outros. Não faço hierarquias com prémios.

Como consegue criar um muro tão fechado sobre a sua vida privada? É por dizer sempre que não fala disso?

Não, nem preciso dizer não. Nunca ninguém me fez perguntas sobre a minha vida privada.

Não é porque não quer falar dela?

Na verdade, não quero. Não vejo como é que a minha vida pode ter qualquer interesse. Ela mantém-se privada, mas não por eu ter lutado verdadeiramente por isso.

Diz-se que tem necessidade de controlar tudo. É verdade?

Bom, diz-se tanta coisa sobre os atores que não corresponde a nada... É sempre preciso dizer qualquer coisa...

Também se diz que trabalha muito e que o faz muito seriamente.

Se acham que é assim... Não me importo nada com isso.

Não é verdade que se entrega completamente aos projetos que faz?

Não sei o que significa entregar-se completamente.

Dar tudo o que se tem para dar.

Não. Não dou tudo o que tenho, guardo sempre qualquer coisa para mim. Não sou assim tão generosa.

E tentar atingir a perfeição, também não lhe interessa?

Ah, não! A perfeição não se prevê, acontece. Não é com esforço que se

chega a ela. Além disso, a vida de atriz é mais poética do que isso. Pelo menos, assim espero. A perfeição, essa, acontece com o trabalho de um realizador. São momentos únicos que não conseguimos prever, muito menos antecipar.

Tem algum sonho em relação àquilo que gostaria de fazer?

Não. Nada de especial. Espero, espero com calma. É como diz Michael Haneke, deixo-me surpreender. Gosto muito dessa ideia.

Há uma distância grande entre a atriz e a mulher?

Sim, claro. Como acontece em todas as vidas, há sempre uma distância entre o que somos e o que fazemos, entre o que somos e o que mostramos. Isso acontece também ao nosso íntimo. Somos diferentes. Uma atriz, então, é ainda mais complicada. Uma atriz confunde-se com os papéis que faz. Mas isso não passa de um mal-entendido. No meu caso, talvez ainda seja pior, pois faço papéis muito contrastantes, perturbadores. Há com certeza uma espécie de interferência. Mas não tem importância nenhuma.

Há uma diferença quando está em palco?

Quando se está em palco há uma aproximação maior àquilo que somos. O teatro é uma arte coletiva, muitas vezes muito artesanal, quando fazemos teatro tudo é muito concreto. É um trabalho de equipa. Estamos muito mais próximos de nós mesmos do que quando há uma imagem fantasiada, aquela que as pessoas criam e que é normal que tenham. No cinema, ora estamos muito próximos ora muito

distantes das pessoas. Estamos num ecrã, de uma forma turbulenta, talvez. É por isso que se criam fantasmas, mal-entendidos.

E limites?

Limites também. Ouvimos muitas vezes dizer isso sobre as pessoas conhecidas. Há sempre uma tentativa de saber mais. Mas, por trás delas há sempre qualquer coisa de mais simples. Há sempre uma construção, uma ficção feita à nossa volta por causa dos papéis que fazemos.

Projeta-se mais no estar algures, como dizia, ou também no momento presente. Por exemplo, pelo qual a França está a passar, onde os protestos e a violência estão sempre na ordem do dia? Isso preocupa-a?

Sim. Muito. Não vivo num casulo. Seja o que for que façamos, estamos sempre a ser agarrados pelo mundo. Não estamos numa ilha deserta. E, mesmo que não estejamos interessados no mundo, ele faz-se ouvir, faz-se presente. Não sei o que dizer sem cair em clichés sem interesse nenhum.

Por exemplo, apoia o movimento

#MeToo...

Apoio, há alguém que não apoie? No entanto, não o fiz pessoalmente, nunca fiz declarações sobre mim. Nunca fui atacada por ninguém, nunca sofri nada parecido com o que foi contado e pelo que passaram muitas mulheres. Mas ouvi as que falaram. Acho que é um movimento verdadeiramente importante porque teve a capacidade de revelar muitas coisas sobre a situação das mulheres em geral e no mundo. Fê-lo muito bem.

Fala muitas vezes sobre a misoginia no cinema.

Não é só no cinema. Há um certo nível de misoginia por todo o lado. Sinto essa misoginia nas pequenas coisas. Sinto-a de longe. Faço tudo por não me confrontar com isso, prefiro que esteja bem longe de mim.

É um mundo de homens?

Sim, muitas vezes acho que sim. Mas é assim, lá está, a misoginia está presente em todo o lado. E não é só propriedade dos homens. As mulheres também são muitas vezes misóginas. O que quer dizer que não há uma solidariedade exemplar entre as mulheres em relação aos homens.

Sei que tem uma coleção de fotografias feita por grandes fotógrafos.

Não, tenho só algumas fotografias. Mas faço muitas. E gostava muito de poder ter fotografias de todos os fotógrafos que me fotografaram, isso sim. De facto, cruzei-me com muitos fotógrafos dos quais não é comum termos fotografias. Humanistas, assim lhes chamam, são fotógrafos como Cartier-Bresson, Willy Ronis, Robert Doisneau.

Quer ver de que forma é vista por eles?

Não sei. Uma atriz geralmente deixa-se fotografar. Mas é, sobretudo, para me registar no trabalho deles, no seu universo. Gosto de pertencer a outros mundos. ●

acarita@expresso.imprensa.pt

O Expresso viajou a convite do Festival de Almada

Mais sobre o Festival de Almada na pág. 70

“

O #MeToo é um movimento verdadeiramente importante porque teve a capacidade de revelar muitas coisas sobre a situação das mulheres em geral e no mundo”